

O túmulo errado

Ortega Teixeira *

ORCID iD 0000-0002-6220-6157

Parte I

As festas do natal e da transição do ano, não foram bem passadas pela família Zindhede, devido a uma “falha técnica” de um ritual tradicional africano. Pretendia-se na festa da família, aproveitar a companhia dos “mais velhos”, para traduzir-se um constante sonho que apoquentava um dos filhos que vive em Maputo. A volta da fogueira rodeada por idosos, contou que sonhava constantemente o falecido pai, a lhe pedir “uma casa” fato que ultimamente deixava-o preocupado.

Sem rodeios e com “um pouco de grossa na cabeça”¹, os mais velhos deduziram que desde a morte do pai em 1997, a casa que se referia no sonho, era uma campa² condigna, já que o túmulo onde jaz o defunto, continuava coberto de lama. Para isso, foi contatada uma agência para a construção da campa, mas antes os velhos ainda sob efeitos do álcool, dirigiram-se ao Cemitério de Save, para localizar o túmulo que há vinte e dois anos, segundo fontes orais, estava debaixo duma massaleira³.

Fizeram as devidas rezas evocando os deuses e, como tratava-se de um cemitério comunitário, a mata densa não dava garantias certas do lugar, mas um dos testemunhas que afirmava ter vivido o momento naquele ano, apontou sem hesitar o sepulcro: “É aqui onde guardamos Zindhede”. Limparam o local e os trabalhadores da agência funerária deslocaram-se para edificar a campa de mármore, que devia estar pronta em seis horas. Quando começaram a fundação caiu dum arbusto uma serpente e depois um enxame sobrevoou o local, sem fazer mal aos dois funcionários da entidade contratada. Era um signo que precisava ser decodificado, mas como não foi deduzido o momento, ficaram na naturalidade.

Edificaram a tumba no meio de dificuldades, ora sono, ora serpentes a caírem, ora abelhas, entre outras coisas anômalas típicas da África negra. O estado de embriaguez, aliado ao mato denso do cemitério, fizeram confusão aos velhos que foram na

* Jornalista, cronista, moçambicano. Email: ortegateixeiraam@gmail.com

¹ embriagado

² túmulo

³ Nome de uma árvore silvestre *Strychnos spinosa*. Também é conhecida como ‘maboque’ ou ‘maciela’.

identificação do local, afinal o túmulo onde era edificada a campa marmorizada, era de um outro defunto.

Naquela noite a família Zindhede, neste caso a dona da obra, o empreiteiro e os idosos que identificaram e fizeram limpeza ao local, tiveram visitas dum invisível, que exigia barulhento, a destruição da campa construída por cima do seu cadáver. O fantasma que era macua⁴ chutava panelas e outros electrodomésticos no interior das residências dizendo, ***“estou aqui, não vos conheço porquê é que fizeram casa para mim, quem sois vos? Tire-me daqui senão vão comigo”***.

Quem ia suportar aquela ameaça? Assim que falo, já que os envolvidos tiveram o pesadelo, voltaram a reunir-se para no dia seguinte, destruírem a campa construída no lugar impróprio e iniciar novas pesquisas para localizar o verdadeiro túmulo, onde descansam os restos mortais do velho Zindhede. A África nos orgulha por isso são coisas da nossa terra (X). Na segunda parte, o relato continua ...

Parte II

A dois de Janeiro de 2020, parte da família Zindhede, anciãos e funcionários da agência funerária reuniram-se para destruir a campa edificada num túmulo errado. Antes da atividade, cada um dos envolvidos, contou o sofrimento que tivera na noite anterior, das ameaças do fantasma macua que para além de gritar, chutava utensílios domésticos no interior das residências.

Concluindo que construíram a campa marmorizada no túmulo errado, pegaram em picaretas e marretas⁵, e por medo de outras consequências, nenhum dos envolvidos naquele dia estava sob efeito de álcool. Dirigiram-se ao cemitério e em pouco tempo desfizeram a campa de mármore, mas antes de abandonarem o local, debatiam sobre o destino a dar o entulho. Para onde levar? Começou uma discussão acesa do cemitério de Save, sob olhar impávido dos defuntos. Os da agência funerária diziam que não levavam de volta pedaços de mármore, porque para além de não ter validade, o trabalho deles era apenas de montar campas. Os anciãos justificavam que a idade já não permitia carregar pedras pesadas enquanto a família Zindhede reiterava a insignificância de levar algo de

⁴ Nome do grupo étnico localizado na Província (Estado) de Nampula, ao Norte de Moçambique. É o povo falante da língua Emakhuwa, a língua africana mais falada em Moçambique.

⁵ Martelos grandes

gênero para casa, que não representasse o clã Simango. Para isso decidiram que deviam espalhar o entulho naquele labirinto que dá acesso a nossa última morada.

Daí não se ouviu mais a voz do fantasma macua, mas a ficava a dívida de se identificar o verdadeiro túmulo do velho Zindhede, que segundo o filho, era razão da sua falta de sorte na sociedade. Como nenhum ancião queria voltar a viver o inesquecível momento da noite anterior, foram a um renomado curandeiro⁶, que segundo os hábitos africanos é a ponte entre os vivos e os mortos, para ouvirem sobre a localização da campa e a pretensão do malogrado que nos deixara fisicamente há vinte e dois anos.

O curandeiro, sentado e de pernas abertas, ia exibindo equações e fórmulas da ciência africana para dar solução a preocupação dos aflitos. Num abrir e fechar dos olhos recomendou-os para voltarem ao cemitério, vasculharem a mata na zona da massaleira, prestando atenção no local onde os pés começarem a fazer comichão. Depois de três horas de vasculha⁷ em cemitério denso onde afugentaram no seu habitat serpentes e lebres, finalmente os pés começaram em simultâneo a comichar para uma alegria suada dos envolvidos. “**Tamuana Zindhede, Encontramos Zindhede**”. É de fato ciência africana que nos orgulha, mesmo com a ocidentalização que nos cega. Caro leitor, segundo MATARUCA/2020, na África temos nossos anjos e nossos demônios, mas os defuntos africanos são poderosos, perfilam na hierarquia de deuses, ocupam o nosso panteão e nunca devem ser desprezados, independentemente de qualquer nível de literacia que tivermos adquirido por sorte do destino (X).

Recebido em: 16/05/2021

Aceito em: 18/05/2021

Para citar este texto (ABNT): TEIXEIRA, Ortega. O túmulo errado (parte I e II). **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA). Vol.1, nº1, p.359-361, jan./jun. 2021.

Para citar este texto (APA): TEIXEIRA, Ortega. (2021, jan./jun.). O túmulo errado (parte I e II). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA).1(1): 359-361.

⁶ Pai Santo

⁷ procura